Universo Fantástico Dallacosta Apresenta

Fúria de Aço

James Dallacosta

2005

Capítulo 1

O Fim de um Início

Sempre disseram de que a noite é uma criança. Não se sabe quando, em que lugar, e por quem esse ditado fora inventado. Ele apenas existe e está aí para todo mundo conhecer.

Há inúmeras maneiras para se descobrir isso. Basta apenas querer.

A bateria de luzes que passa a iluminar a cidade denuncia também os riscos que são aumentados em função do período noturno. Mas há aqueles que com audácia resolvem desafiar o perigo e correrem do risco.

São 20 horas e 50 minutos de uma quarta feira quando um carro de passeio, desses de marca popular, desliga os faróis de seu veiculo para ingressar em uma rua cujo percurso irá dar no pé de um Morro.

No interior do carro há duas pessoas, mais precisamente um casal. O homem estando na direção e a mulher ao seu lado.

Nisso, um jovem, quase ainda menino, trajando uma bermuda tektel verde, e de camiseta cinza, coloca-se quase que na frente do veículo obrigando o seu condutor a parar o carro.

--- Vai querer vaga aí, moço?

Pergunta o ainda adolescente, bancando o "flanelinha", oferecendo um lugar para estacionar.

Em frações de segundos os olhos do motorista percebe certo volume na cintura do adolescente, coberto pela camiseta, já imaginando o que seja.

Então, calmamente ele diz:

--- Nos chamaram aqui. O Carrasco quer nos ver.

--- Então coloca o carango ali e pode ir lá.

Ele agradece acenando com a cabeça, e faz exatamente o que o jovem dissera, enquanto um pequeno e singelo sorriso brota nas feições do adolescente, como se fosse um deboche endereçado às duas figuras no interior do veículo.

--- A gente precisava mesmo vir esse horário da noite aqui?

Pergunta a mulher ao seu lado.

--- Você sabe tanto quanto eu de que o “movimento” começa a funcionar com mais intensidade no período noturno do que no diurno. Além do mais, recebi hoje de manhã uma ligação naquele celular especialmente habilitado para isto, do próprio Carrasco, dizendo que queria nos ver hoje à noite aqui. Para que a gente aparecesse. E quando essa gente manda, não é bom discutir.

--- Eu sei, mas... estou com um mal pressentimento hoje, desde que levantei da cama de manhã. Para ser sincera, na noite passada, tive um sonho nada bom. Eu até já lhe contei a respeito.

--- Bobagem. Foi apenas um sonho e mais nada. Além do mais, não podemos deixar que o nosso serviço seja assim prejudicado. Afinal de contas, vivemos em função do trabalho. Não vivemos?

Encerrando à conversa entre ambos, eles se dirigem a pé para o Morro diante deles. Ao se aproximarem, são novamente abordados. Dessa vez por um trio.

--- Carrasco quer nos ver.

Um dos sujeitos então leva o casal consigo Morro acima, que era repleto de barracos e casebres enfeando não somente o local, mas toda a cidade.

Em um pedaço da favela, mais precisamente em uma casa, é para lá que o casal é levado, e é lá que o chefe da boca de fumo daquele Morro, o sujeito conhecido pelo apelido de Carrasco, encontrava-se em companhia de alguns de seus homens e de dois ou três usuários de drogas que foram até o Morro comprar o entorpecente.

Em amostra pela sala da residência, além de drogas, havia algumas armas utilizadas por aqueles bandidos, deixadas ali para uso ou por pura exibição de força.

Assim que chegam até à presença do chefão do tráfico, o trio de usuários é despachado dali, deixando o lugar reservado para uma possível conversa com as visitas.

Uma saudação bem seca é feita da parte do casal com a cabeça para o traficante. Enquanto este, de óculos escuros e cavanhaque, sentado em uma cadeira com as duas pernas por sobre uma pequena mesa, é quem dá inicio ao frio diálogo.

--- Tenho uma novidade para vocês dois. A droga chega depois de amanhã à noite, e vêm de caminhão. Eu vou abastecer a “boca” com ela. Vai estar separada a quantidade pedida por vocês.

--- Bom. É muito bom saber disso. Nossos clientes estão muito interessados em usar a cocaína de seu fornecedor. Dizem que ela é muito boa.

--- E pode apostar que é. Todo mundo usa, gosta, e ninguém reclama. Fica tudo beleza para todas as partes.

--- Quem é o seu fornecedor?

--- Eu não forneço nomes de meus fornecedores, madame. Eu forneço são drogas! Se for cocaína o que vocês querem para usarem na boate de vocês, pode ter certeza de que vocês terão da melhor. Da bem pura mesmo!

--- Já temos novos clientes em nossa lista que estão ansiosos por consumirem o produto. Agora, só falta chegar.

--- Não esquenta não, meu irmão. Confia em mim. Pode ter certeza de que sua clientela vai se amarrar e vocês irão lucrar muito com isso. Confie em mim.

--- E quando é que a gente pega com você?

---Fica frio, xará! Eu marco com vocês o dia e à hora em que o casalzinho aí virá aqui para pegar a droga. Mas primeiro, deixa receber o produto.

--- Não é por nada não, Carrasco. É somente para que a gente vá marcando com os clientes o dia certo em que eles poderão comprar isso na boate.

--- Que papo é esse, mano? Não esquenta não! Dois dias depois de a droga chegar aqui, e a gente separar a tua parte da nossa, eu bato um fio para você vir pegar a encomenda. Mas aviso já! Quero o dinheiro prontinho aqui na minha mão como o combinado. Se não dança!

--- Iremos trazer o dinheiro em uma mochila para você. E iremos entregá-lo em suas mãos.

De repente, enquanto a conversa vai acontecendo, um rádio portátil de comunicação em cima da mesa, toca. Esses rádios são chamados de walk talks, e são muito eficazes para se travar contato de um ponto ao outro dentro de uma área limite.

Carrasco atende à chamada.

--- Aguarde na linha, mano, que a gente já conversa já.

Ele se afasta da presença daquelas pessoas que o cercavam e vai para um dos cômodos da casa, aonde a parede parece ser revestida a prova de som, e aonde havia várias caixas de munições e armas. Ele fecha a porta para ninguém escutar, e então passa a se comunicar através do rádio.

--- Pode falar.

--- Revistamos o carro todinho e não achamos nada.

--- Você tem certeza de que vasculharam o carro todo?

--- A parte de baixo, mala, porta malas, debaixo de bancos, tapetes, revistamos tudo e não achamos nada.

--- Tá certo. Arruma tudo. Eu irei segurar o casalzinho mais um pouco por aqui. Desligando.

Ele então lança mão de um celular na cintura, teclando alguns números e se comunicando agora com outra pessoa, de fora do Morro e da localidade.

Quando o lado de lá atende, ele explica a situação.

--- Tô com os dois aqui, meu irmãozinho. Mandei os meus rapazes vasculharem o carro deles e nada encontraram. Você tem certeza que são esses dois?

--- Já falei para você que são! Pode sentar o "dedo" nos dois por que é. Eu não iria te passar uma informação errada, iria?

--- Não sei. Eu não confio nem na minha própria mãe para certos tipos de coisas.

--- Tô falando! Confia em mim! Eu não ganho o meu "cascalho" para esse tipo de coisa, irmão? Então, porra! Tô te passando a informação correta da dupla. Não duvida não porque é real. Você tá correndo um risco danado com esses dois aí.

--- Tá certo. Tá bem então. Irei dar um jeito nesses dois para sempre. Eles nunca mais irão brincar com o Carrasco novamente. Nunca mais! Até mais, xará!

O celular é desligado. Carrasco pega a sua pistola, confere à munição e engatilha-a, deixando-a preparada para uso imediato. Tanto que ele volta para a sala segurando-a em uma das mãos, para em seguida apontar para o casal.

--- Aí ó! Seus filhos da puta! Eu tô sabendo que os dois aí são da policia! Não é? Pois então agora vocês irão ver uma coisa só!

Ao ser descobertos a dupla de policiais que atuavam disfarçados se assustam pela declaração feita por Carrasco. Tanto que isso fica estampado em suas faces.

--- Vamos levar os dois para o nosso barraco lá de cima, agora. Se manda com eles, galera!

Mediante a ordem dada, os bandidos a cumprem, levando os dois para o alto do Morro para uma área um pouco isolada das demais, aonde havia ainda algumas árvores e um barraco.

Lá, outros bandidos os aguardavam, formando um total de 16 indivíduos, somados aos que iam levando as duas vítimas, mais o próprio chefão em pessoa.

Eles se reúnem. Todos eles, para punir os intrusos.

--- O que vocês irão fazer com a gente?

Pergunta a moça. E calmamente o chefão responde para ela:

--- Vou dar uma lição em vocês. Nunca mais irão espionar ninguém na vida. Nunca mais!

Então ele se volta para o policial, apontando a pistola em sua direção, obrigando-o a ir para o círculo de bandidos que se formava a sua frente.

Todos já sabiam muito bem que fim daria aquele policial. A certeza era tanta que a bandidagem ria debochadamente pela situação que se encontravam os dois, e pelo o que aguardava a ambos.

Se por um acaso ele se recusasse a entrar no círculo formado adiante, levaria bala e morreria logo. Se continuar, a probabilidade de sair com vida é a mínima possível. Não havia uma terceira alternativa. E se houvesse, com certeza não seria das melhores, pois somente o pior é o que poderia se esperar dessa gente.

Qualquer tentativa de recuo seria sanada de vez, quando o chefe da “boca” aponta sua arma para a cabeça da moça, ameaçando apertar o gatilho.

Ele segue adiante, realizando um gesto de coragem e ousadia com intuito de poupar, pelo menos o máximo que pode a vida de sua colega.

Temeroso por saber o destino que lhe aguardava, a sua mente procura elevar o pensamento em Deus, como que em suplício para lhe salvar de um provável fim trágico.

À medida que caminha, os seus olhos permanecem fixos na roda de homens agitados a sua frente, e de sua boca, uma tremedeira, como que se quisesse fazer uma prece.

Ela tenta reagir, mas com uma rápida coronhada, cai desacordada sem assistir ao horror que se segue logo após perder a consciência, quando o seu colega de profissão e amigo na vida pessoal, é puxado com rudeza para o interior do círculo, sendo golpeado em seguida.

Uma violenta sessão de pancadaria acontece para deleite daquela cambada. Principalmente o chefe, que assisti a tudo rindo e debochando, sem nada fazer para impedir os seus seguidores.

Golpes de barras de ferro, socos, pauladas e pedradas são utilizados incessantemente na vítima, deixando-a sem vida e irreconhecível.

O policial nem tivera tempo de esboçar nenhuma reação. Eram vários contra ele.

Enquanto os últimos golpes são desferidos no mutilado corpo, Carrasco chama um dos seus lhe passando uma ordem. Este vai correndo cumpri-la, sendo logo após a jovem a despertar e ver o círculo se desfazer.

Ainda meio atordoada devido a pancada, ela se sente zonza, mas está lúcida suficiente para ver uma carcaça deformada estirada ao solo, envolto em uma poça de sangue, em trajes em estado maltrapilho, sendo o que sobrara daquele que um dia fora o seu colega de profissão.

Ao dispersar dos vadios, os seus olhos fixam-se no morto, e ela parecia, por alguns momentos, chocada por ver algo já costumeiro em seu trabalho, em uma cidade perigosa como o Rio de Janeiro.

Não se sabe se foi uma benção ou não o fato de a bonita jovem ter ficado desacordada e não ter assistido ao linchamento de seu parceiro. Talvez tenha lhe poupado de um sofrimento maior do qual ela já esteja passando.

Voltando a si, ela contempla o chefe dos bandidos. Ao contemplar o corpo caído adiante, um fervor se apodera de seu ser, e ela pula do chão em direção ao criminoso, arranhando o rosto com dureza.

Os demais bandidos a seguram enquanto Carrasco cambaleia para trás, com o sangue escorrendo de sua face ferida.

Eles pretendiam mata-la ali mesmo, mas o chefe intervém a tempo.

--- Não! Eu próprio quero ter o prazer. Levem-na para o cafofo!

Cafofo era uma gíria utilizada no seio da malandragem para definir uma casa ou um barraco.

Sendo arrastada a forças, ela é levada para o interior de um barraco aonde servia para a prática da tortura de suas vítimas.

A moça então é jogada por sobre uma mesa de ferro, construída especificamente para aquela prática abominável. E ali, as suas mãos e pernas são presas, amarradas a quatro estacas com a finalidade de que não fugisse.

Muitos são os pensamentos que tomam de assalto a sua mente naquele momento. Ela apenas sabe, assim como o seu falecido amigo sabia, de que somente o pior é o que ela poderá aguardar dessa gente.

A ida até aquele barraco, não iria livrá-la de nenhum tipo de castigo. Não significava nada. Ela até poderia ter conseguido se livrar do linchamento, mas não de uma punição.

Nenhuma espécie de tratamento diferenciado será dada a ela por ser mulher, para isentá-la de um destino cruel.

Carrasco e dois de seus asseclas permanecem no interior do barraco, em companhia de sua prisioneira. Esta por sua vez os encara em aflição, indagando-os o que iriam fazer em seguida.

Uma rápida ideia de estupro lhe passa em sua cabeça.

O que já seria algo devastador para qualquer mulher, é maior ainda, principalmente, para aquelas cujo trabalho representa à lei. Ser violentada por uma tríade daquilo o qual ela combate constantemente, não há palavras para se buscar uma definição desse horror tamanho.

Uma mordaça então é posta em sua boca por um dos bandidos, para que dela não fossem exalados gritos, enquanto o chefe trata de lançar mão de uma serra elétrica, dessas usadas para cortar árvores ou então os seus galhos, mostrando para a jovem com intuito de aumentar mais ainda o pavor da vítima.

--- Você é muito bonita. É uma pena ter que te castigar. Poderia até ser uma das minhas mulheres em meu harém. Mas pertencemos a lados opostos e não sou trouxa de me envolver com uma policial. Você e seus "amigos vermes" podem ir para o inferno se depender de mim, ô vadia!

Ele coloca a serra elétrica para funcionar. Os olhos dela se arregalam quando vê o traficante aproximar-se de si, ostentando o instrumento cortante, exalando barulho de seu motor.

--- Vou lhe deixar um presente para que venha a se lembrar de mim para sempre. E para que nunca mais tente enganar Carrasco de novo!

Sem nenhum tipo de compaixão para com a sua vitima, o bandido desce à lâmina dentada da serra de encontro à perna direita da mulher, que ao menor contato vêm a decepá-la, jorrando sangue para tudo o quanto é lado. Uma dor nunca antes sentida pela moça se espalha por todo o seu ser, tirando-lhe a completa lucidez, lançando-a na inconsciência. Em seguida, é a vez do braço direito da jovem.

Com uma frieza impressionante, o trio contempla aquela cena trágica sem esboçar nenhuma reação contrária que viesse a reprovar aquele comportamento bárbaro.

--- Vou te cortar em pedaços, boneca. Vou te esquartejar todinha!

Querendo dar prosseguimento aquilo que já havia começado, ele endereça o instrumento cortante em direção à outra perna, quando de forma repentina a porta do barraco é aberta por um quarto bandido, assustando os participantes da sessão de tortura ali dentro.

--- Seu idiota! Quer morrer?

--- Desculpa Carrasco. Mas eu vim te avisar de que o Morro tá tomado de "vermes". Os homens tão subindo aí!

--- O quê? E por que ninguém avisou merda? Cadê aquele filho da puta do fogueteiro? É trabalho dele, avisar a gente quando esses putos "pintam" na área!

--- Ele avisou sim, chefe! Mas só que os homens montaram uma Operação de guerra e estão subindo o Morro a toda! A nossa turma começou a mandar bala neles!

--- Puta que pareú! Porra! Vamos defender o que é nosso, galera! Depois a gente cuida dessa piranha!

Assim que eles saem do interior do barraco e alcançam uma posição do lado de fora o qual podem contemplar o panorama lá embaixo nas ruas, os seus olhos captam a presença de um verdadeiro aparato policial do Estado, prontos para invadir o Morro.

Um helicóptero estava sendo utilizado jogando um facho de luz de suas lanternas e holofotes na colina, tirando um rasante por sobre o lugar, enquanto os marginais respondiam a estes na base dos disparos de suas armas sofisticadas.

A polícia não deixava por menos e dava o "troco na mesma moeda".

Os moradores corriam as pressas para se esconderem ou para se jogarem no chão com intuito de fugirem dos tiros, embora já estivessem acostumados a tal rotina.

Do alto do Morro, entre as ruelas com os seus barracos, ou nas muitas lajes das construções de tijolos, a bandidagem "cuspia" chumbo com o seu arsenal nos homens da lei. E Carrasco, como não podia deixar de ser, encontrava-se entre eles, incitando-os para defenderem os seus postos a qualquer custo.

Equilibrando a balança do poder, lá embaixo no asfalto, um pequeno posto de Operações policiais fora montada, às pressas, no interior de um veículo, sendo despachado dali novas ordens para a Operação que estava sendo realizada no Morro da Catacumba naquele instante.

No comando de toda aquela ação policial estava o coronel Mário de Souza Marinack do serviço reservado da policia (P2) com todo o seu efetivo.

Presentes também estavam o comandante Oltair Neves de Castro, do batalhão de operações especiais (BOPE). E Álvaro Prestes Lázaro, comandante do batalhão responsável pela área de atuação na qual o Morro da Catacumba fazia parte.

Quando o trio sai ao mesmo tempo do interior do veículo, eles só têm uma certeza: Tomar o Morro custe o que custasse, resgatando os dois Agentes que lá em cima se encontravam, levando adiante à segunda fase da Operação Caveira que havia sido deflagrada com antecipação.

O coronel Marinack então despacha de uma ordem direta para o seu subordinado imediato.

--- Quero todos os homens indo colina acima nesse exato instante! Quero que resgatem os nossos dois Agentes a qualquer custo! E quero que icem à bandeira da P2 no último barraco lá em cima!

O içar da bandeira era justamente para significar de que o Morro fora tomado pela polícia temporariamente.

A tropa inteira avança colina acima, sendo os comandantes a estarem ao lado de seus comandados, auxiliando na invasão.

Há tiro para todos os lados. Vitimas são feitas. Policiais tombam no estrito cumprimento do dever. Bandidos caem com os corpos chumbados pelas balas.

Em meio a todo àquele conflito a Imprensa e as emissoras dos canais de televisão aparecem, cobrindo com suas câmeras e seus olhos tudo o que estava acontecendo.

O conflito não dura muito, pois os traficantes estavam em menor número que a polícia. E após ter morrido vários, reduzira ainda mais o número daquela força de resistência contra as autoridades constituídas.

Carrasco e mais alguns resolvem abandonar o local, penetrando em uma mata que existia no fundo do Morro e por lá se perderem, ausentando-se da área de conflito.

Facilmente os demais são vencidos, e a policia ganha o Morro, içando à bandeira da P2 no barraco mais alto como o combinado.

Mas próximo a um barraco que se encontrava destacado dos demais, os policiais encontraram um corpo deformado e em completa sujeira de sangue.

Marinack é chamado para vê-lo e reconhece que é um de seus Agentes.

Logo depois, Marinack novamente é chamado para presenciar uma cena trágica no interior do imóvel.

Era o corpo mutilado da Agente, lavada no próprio sangue que brotava de seus ferimentos, de onde fora cortado o braço e a perna direita.

Ele e seu Oficial encontraram-na inconsciente e quase semimorta devido à gravidade dos ferimentos.

--- Chamem o socorro depressa! Essa moça precisa de cuidados médico extremamente urgente!

De sua ordem, uma mobilização é feita com o intuito de salvar àquela vitima da morte.

O ambiente cheirava a sangue. E sangue era o que mais se via ali. Os respectivos membros estavam ainda presos às estacas na mesa, mas separados do corpo, causando certo choque para algumas daquelas pessoas que olham a cena.

Com quase 25 anos de serviços prestados a policia militar do Estado do Rio de Janeiro, o coronel Marinack já presenciara de tudo. Mas ao ver a jovem ensanguentada, com os membros direitos separados do seu corpo, ele quase sente à vontade de chorar, com um misto de ódio em seu intimo pelo que os bandidos fizeram com ela e seu parceiro, o outro Agente, morto no linchamento.

--- Aqueles desgraçados irão pagar. Eu juro que irão. Aposto a minha carreira nisso.

Ele é despertado pelo seu Oficial para que desocupe a sala, deixando espaço para o pessoal do Socorro e Resgate trabalharem.

Instantes depois, ela é içada por intermédio de um cabo especial para o interior do helicóptero em companhia de dois socorristas. É que não havia local apropriado para pouso.

Em seguida, a aeronave parte, levando consigo uma última esperança de sobrevivência para aquele ser humano.